



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO: PEDAGOGIA**

DAYSLE DE MELO SOUZA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NA
VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS**

**GUARABIRA - PB
2014**

DAYSLE DE MELO SOUZA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NA
VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, na área da Educação Infantil
como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719c Souza, Dayslle de Melo
A contribuição da literatura infanto-juvenil na valorização das
identidades negras [manuscrito] : / Dayslle de Melo Souza. - 2014.
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca,
Departamento de Educação".

1. Literatura infanto juvenil. 2. Personagens negras. 3.
Identidade. 4. Criança negra. I. Título.

21. ed. CDD 320.56

DAYSLE DE MELO SOUZA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTO JUVENIL NA
VALORIZAÇÃO DAS IDENTIDADES NEGRAS**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, na área da Educação Infantil
como pré-requisito para obtenção do título
de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em: 22 /07 /2014



Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca / UEPB

Orientadora



Profª Ms. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante / UEPB

Examinadora



Profª Ms. Emilia Cristina Ferreira de Barrios / UEPB

Examinadora

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino e meu Guia. Sem ele eu não teria forças para caminhar nesta longa jornada acadêmica e obter sucesso. Dedico este trabalho à minha mãe, Ana Cristina de Melo, à minha avó, Maria Celestina de Melo e ao meu esposo, Erivaldo Fernandes de Araújo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nesses anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer. Agradeço a ele por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades durante esses 4 anos de curso.

A toda a minha família e ao meu esposo Erivaldo Fernandes de Araújo, que sempre me deram apoio para que eu concluísse o curso.

Aos professores e professoras que passaram pela minha turma e deixaram a sua marca registrada, empenhando-se para que nos tornássemos pedagogas competentes e pudéssemos contribuir com a Educação do nosso país.

À minha orientadora, a professora Ivonildes da Silva Fonseca, por todo o tempo que dedicou ao meu trabalho e sempre se dispôs a me orientar da melhor forma possível, pessoa que admiro pelo trabalho que desenvolve no Campus sempre lutando pela questão racial, oportunizando me reconhecer como negra, muito obrigada.

E por último, porém não menos importantes, as inesquecíveis colegas de turma, por estarmos sempre unidas mesmo diante das dificuldades do dia a dia, da convivência que não é fácil, mas que mesmo assim conseguimos vencer todas as barreiras impostas em nossas vidas.

*“Ensinar exige rejeição a qualquer forma de
discriminação.”*

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso resulta de uma pesquisa bibliográfica e tem como objetivo abordar o tema da construção e valorização da identidade da criança negra. A pesquisa tomou como centro da análise a Literatura Infanto juvenil e o seu uso no cotidiano escolar. Assim, discutimos sobre a exclusividade dada aos contos de fadas europeus na sala de aula compreendendo que dessa forma, a função dessa ação torna-se reprodutora de preconceitos e estereótipos raciais não contribuindo para a construção da identidade positiva das crianças negras. Aproveitamos para realçar a Lei 10.639//03 que com a sua sanção promoveu o aumento da produção literária com personagens negras que trazem mensagens positivas sobre o povo negro.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Personagens negras. Identidade. Criança negra.

ABSTRACT

This work of course completion results of a literature review and aims to address the issue of construction and development of identity of black children. The research took as its focus the Children's Literature and its use in everyday school life. Thus, we discuss about the exclusivity given to European fairy tales in the classroom realizing that this way, the function of this action becomes reproductive racial prejudice and stereotypes, and so don't contribute to the construction of the positive identity of black children. Take this opportunity to highlight the Law 10.639/03 with its sanction promoted increased literary production with black characters that bring positive messages about black people

Keywords: Children's Literature. Black characters. Identity. Black child.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O QUE É LITERATURA INFANTIL?	11
3	O SURGIMENTO DO RACISMO: CONHECENDO O PASSADO PARA ENTENDERMOS O PRESENTE	16
4	COMO A CRIANÇA NEGRA SE IDENTIFICA A PARTIR DOS CLÁSSICOS CONTOS EUROPEUS	19
5	A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS LIVROS INFANTIS	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre a Literatura Infanto juvenil e como ela pode contribuir para a construção e a valorização da identidade da criança negra. Sabendo que geralmente é na escola que a criança tem o seu primeiro contato com a Literatura Infantil, nessa instituição são priorizados os clássicos contos europeus carregando uma bagagem de aspectos eurocêntricos e provocando nas crianças a idealização de serem os príncipes e princesas dos contos de fada. Há também o trabalho de dar exclusividade à Europa desconhecendo que na África também há príncipes e princesas.

Diagnostiquei a necessidade de se trabalhar com histórias escritas para a criança negra desde a Educação Infantil, pois é nessa fase que ela está construindo a sua identidade, o seu caráter e muitas delas se encantam com as histórias contadas pelas professoras, pelas belas imagens de princesas brancas, de olhos claros, bem-vestidas, que moram em lindos castelos. Assim, a criança sonha e acredita ser uma princesa igual à que ela viu, com as mesmas características e não se reconhece enquanto negra.

Nesta monografia, a estrutura do texto foi feita em quatro partes. Na primeira, há definição da literatura em geral e da infanto juvenil em específico; na segunda parte, abordo o racismo, pontuando o seu caráter histórico; na terceira parte, apresento um texto falando sobre como a criança negra se identifica nos clássicos contos europeus; na quarta parte, discuto a cultura afro-brasileira nos livros infantis.

Enfim, nas considerações finais, além de afirmar a necessidade do trabalho nas escolas com livros que tragam personagens negras para contribuir na positivação da identidade das crianças negras, enfatizo também a relevância da formação pedagógica dos nossos professores que atuam em sala de aula na educação infantil fazendo-os conhecer o vasto campo literário de obras que tragam personagens negras brasileiras.

2 O QUE É LITERATURA INFANTIL?

A Literatura é definida como arte, mas alguns autores a definem como a arte que usa a palavra na forma escrita e há quem afirme que a literatura também é a arte de usar a palavra na forma oral, pois esta foi a primeira forma que tivemos. (RIBEIRO, 2010)

Buscando a etimologia da palavra literatura, encontra-se que a mesma vem do latim "litteris" que significa "letras", e possivelmente uma tradução do grego "grammatikee". No latim, tem-se que a literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

Tomando a literatura como a "arte de criar e compor textos", constata-se a existência de diversos tipos de produções literárias, entre as quais a poesia, a prosa, literatura de ficção, literatura de romance, literatura médica, literatura técnica, literatura portuguesa, literatura popular, literatura de cordel etc. (SIGNIFICADOS.COM.BR, 2014).

Do conjunto de entendimentos, a literatura pode ser considerada um meio de comunicação e é uma forma de representar a realidade. Quando na Europa a criança começa a ser vista como tal, a literatura vai sendo modificada para atingir o público infantil.

Assim, os clássicos da literatura vão ganhando adaptações e os contos folclóricos começam a servir de inspiração para os contos de fadas. Esses clássicos ainda são muito trabalhados na sociedade atual, destacando-se *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault; *A bela adormecida*; *O barba azul*; *O gato de botas*; "*Pequeno polegar*", dos Irmãos Grimm etc.

Outros clássicos muito conhecidos são: *A gata borralheira*; *Branca de Neve*; *Os músicos de Bremen*; *João e Maria* etc.

A partir dessas obras, fica demonstrado que existem diferentes tipos de gêneros textuais na literatura infantil: mito, lenda, fábula, conto, crônica, novela, poesia e outros.

Descrevendo de forma breve esses gêneros, a partir de Costa (2007) têm-se que o mito é a narrativa que tem características de ser atemporal e procura explicar a origem dos seres e das coisas dentro de uma lógica diferente da lógica cartesiana,

de uma precisão matemática. A lenda se prende a um fato ou um acontecimento que tem uma base histórica. Geralmente a lenda é uma criação coletiva de um povo e se desenvolve pela oralidade. A fábula tem a característica de ter personagens (animais que falam) que dialogam. O texto é curto e traz no início ou no final do texto, a moral da história, que é a compreensão do que foi dito. O conto é uma narrativa curta com uma única ação, isto é, tem um número restrito de personagens e o tempo e espaço são reduzidos, uma vez que contemplam poucos acontecimentos. Apesar de apresentar vários tipos (conto maravilhoso, conto do cotidiano etc.), o conto é indicado para o trabalho com crianças com pouca experiência de leitura e com dificuldade de acompanhar enredos mais densos e com complexidade. A crônica trata de assuntos do cotidiano e possibilita uma identificação imediata do/a leitor/a por apresentar um tratamento lírico. As escolas, normalmente utilizam a crônica no 3º e 4º do Ensino Fundamental. A novela é um texto que traz uma multiplicidade de ações que ocorrem de forma simultânea, com muitos personagens e com possibilidade de repetição e previsibilidade nos quadros do enredo. A poesia é um texto caracterizado por versos que têm estrutura harmoniosa e têm beleza e estética.

Para Bettelheim (2007, p.12 *apud* PERES; MARINHO; MOURA, 2012, p. 2), os contos de fadas são o melhor caminho para ensinar o significado da vida para o público infantil; através desses contos podem ser conhecidos os padrões morais da sociedade. Ao interiorizar os conceitos apresentados nas histórias, as crianças levam para o seu cotidiano, para a formação da sua personalidade exemplos de soluções que podem ser utilizadas de forma pontual, temporária ou de forma permanente. Enfim, dos contos vêm alternativas para sanar as dificuldades encontradas no percurso da vida.

A questão que pode ser levantada se refere aos conceitos, às ideias que são trabalhadas nesses contos. Se forem conceitos, ideias preconceituosas e forem repassadas possivelmente haverá uma contribuição ao continuísmo da sociedade preconceituosa.

Ao contar as histórias, tem que ser observado que elas foram escritas em outro tempo histórico, em um momento em que a sociedade vivia outros valores, inclusive valores estéticos; têm que ser levadas em consideração as diversas mudanças acontecidas no modo de viver e de pensar da sociedade.

Todavia, muitas instituições educacionais ainda adotam os clássicos contos europeus, sem fazer uma reformulação, adaptação ao momento atual vivido pelas crianças na hora de contar a história, sem interferir com questionamentos junto às crianças sobre o contexto da história para fazer com que a criança pense e reflita sobre a realidade da sociedade e a realidade que ela vivencia em seu cotidiano.

Essas considerações tomam por base Bruno Bettelheim (2007, p. 12 *apud* PERES; MARINHO; MOURA, 2012, p. 2), pois este afirma que a literatura infantil de cunho psicológico objetiva “desenvolver a mente e a personalidade da criança”; e que a literatura não deve ser considerada na perspectiva de apenas divertir, de ser algo para fantasiar, mas de transmitir significado para a criança na sua experiência de vida.

A Literatura Infantil na Europa começou a trilhar seus passos no final do século XVII. Antes deste período não se tinha nenhuma obra publicada para o público infantil, pois não havia uma concepção de infância como a que temos hoje em dia. Nesse contexto histórico, a criança era percebida como adulto, isto é, as características próprias da infância e as necessidades não eram respeitadas de acordo com a idade.

Elas desempenhavam o mesmo papel social de um adulto, participavam dos mesmos eventos sociais, muitas trabalhavam e eram tidas como “adultos em miniatura”. Era uma situação que sob a ótica de Philippe Ariès, é assim afirmada: “No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XVIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1981, p. 18).

Foi a ascensão de uma nova classe social, a burguesia, que deu início a um processo de valorização de um padrão familiar burguês e é nesse momento que a criança ganha um novo olhar; quando passa a se priorizar a reprodução desse modelo familiar estruturado entre o final do século XVIII e início do século XIX. Nesse momento,

A família assegura a reprodução biológica e a reprodução social e participa do projeto global da sociedade. A educação, portanto, assegura ao mesmo tempo a participação e a continuidade da família, a partir de seus membros, como sujeitos e agentes do projeto social (MARQUEZAN, 2006).

É neste período que nasce a literatura infantil na Europa e um dos seus objetivos era transmitir os valores deste modelo familiar burguês que priorizava as instituições sociais do casamento, da família e a educação dos filhos. Essas instituições reproduziam a ideologia da sociedade da época.

No Brasil, a literatura infantil tem duas nuances importantes e que ocorrem no final do século XIX: a publicação de livros com características infantis e a produção desse tipo de literatura. Essa divisão é descrita pela pedagoga Dutra (2010, p. 7):

No Brasil, com a implantação da Imprensa Régia, em 1808 iniciam as publicações de livros infantis, mas é somente a partir do final do século XIX que nasce a literatura brasileira destinada à infância e juventude, propriamente dita, de forma escassa e irregular, com forte cunho nacionalista.

Alguns relatos afirmam que o primeiro livro publicado em nosso país foi datado de 1908; mas, as poucas publicações eram insuficientes para caracterizar uma produção literária e essa produção só veio se consolidar após algumas décadas depois da Proclamação da República (1889), quando, de fato, é considerado como o início da literatura infantil brasileira. Vale ressaltar que é também nesse mesmo período que o nosso país tentava estabilizar uma economia política econômica.

Com o surgimento da urbanização acelerada, devido aos aumentos dos postos de exportação, surgem também mais oportunidades de emprego e há um crescimento no consumo de produtos culturais, os quais são vistos como um bom recurso para desenvolver a economia. O consumidor infantil passa a ser valorizado e a escola ganha destaque como instituição fundamental na adaptação do homem rural nas cidades, servindo aos interesses da burguesia que ascendia (PERES; MARINHO; MOURA, 2012, p. 4).

O Brasil adotou um modelo de projeto educativo que vinha da Europa e, neste continente, grande parte dos livros publicados no início da literatura brasileira valorizavam os padrões da burguesia. A maioria das obras eram estrangeiras, traduzidas e adaptadas por alguns autores como Figueiredo Pimentel, Carlos Jansen, fato que é afirmado por Peres, Marinho e Moura:

Nesta época, pouco se escrevia para crianças e as poucas obras que havia eram distantes da criança, pois se valorizava a literatura

ideológica para crianças. O patriotismo estava configurado e enraizado na consciência política do país e a literatura infantil assumia o papel de engajamento dessas ideias e os escritos desse período exaltavam a natureza e a paisagem, temas esses que são inspirações dos modelos europeus (PERES; MARINHO; MOURA, 2012, p. 6).

No mundo dos literatos brasileiros, o escritor infantil Monteiro Lobato¹ é considerado um marco na literatura infantil no Brasil e, até os dias atuais, suas obras que ganharam adaptações para a linguagem visual, são veiculadas em emissoras de televisão.

Além de Monteiro Lobato, no Brasil se encontram outros escritores dos quais uns são mais divulgados, a exemplo de Ziraldo e Ana Maria Machado. Mas, há também escritores que não são conhecidos na mesma proporção dos já citados, mas que vêm já há algum tempo se dedicando a escrever livros para o público infantil, dentre esses, Joel Rufino dos Santos, Nei Lopes, Ruth Rocha, Heloísa Pires Lima, Geni Guimarães, Júlio Emílio Braz, Maria Rita Py.

É importante colocar que muitas obras consideradas adultas foram adotadas pelo público infantil, a exemplo de *As aventuras de Robson Crusóé*, de Daniel Defoe; *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift e *Platero e Eu*, de Juan Ramón Jiménez, assim como muitas obras do público infantil agradam os adultos, como acontece com *Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Essa situação mostra que os rótulos para as categorias servem apenas para uma classificação e não para o direcionamento das leituras.

¹ José Bento Monteiro Lobato nasceu em 1882 em São Paulo. Sua obra consiste em contos, ensaios, romances e livros infantis. Além de escritor, Monteiro Lobato foi tradutor. Recentemente, em 2012, alguns livros deste escritor foram alvos de polêmicas por parte de movimentos sociais que identificaram situações racistas e sexistas nas obras *As caçadas de Pedrinho* e *Negrinha* e pretendiam barrar a sua distribuição pelo programa governamental.

3 O SURGIMENTO DO RACISMO: CONHECENDO O PASSADO PARA ENTENDERMOS O PRESENTE

Temos a consciência de que nos dias atuais o racismo está presente nas relações sociais, porém sabemos que cresce em nossa sociedade o nível de conscientização de que o racismo é maléfico, prejudicial a todos e necessita ser denunciado, combatido e eliminado da sociedade.

Para que possamos entender o racismo que se faz tão presente em nosso dia a dia é necessário que retornemos ao passado para percebermos os malefícios que ele desenvolve nos seres humanos em especial nas pessoas negras que são a maioria das vítimas em nossa sociedade.

O racismo científico nasceu na Europa no século XV e desde então tem motivado discriminação, sofrimento, dor e em muitos casos a morte dos indivíduos por causa de sua origem étnica ou pela cor de sua pele.

Os contatos entre ocidentais brancos e negros africanos remontam praticamente ao século XV, sem negar o fato de que a África era conhecida pela Grécia e Roma antiga. Embora reconhecendo as diferenças físicas e culturais entre os negros encontrados no continente, os europeus ficaram mais impressionados pelos aspectos que vários povos por eles encontrados tinham em comum, a saber, a cor da pele, outros traços físicos como cabelo, a forma do nariz e dos lábios, a forma da cabeça, a ausência do cristianismo e a presença das instituições sociopolíticas e econômicas diferentes das instituições europeias (MUNANGA, 1984, p. 40).

Tudo que os europeus constataavam ser “diferente” das práticas ocidentais era motivo de anunciar a sua superioridade ao resto da humanidade e principalmente a inferioridade dos africanos. Antes da chegada dos europeus à África no século XV outras expedições ocidentais já haviam passado por lá e deixaram escritos gregos, romanos e europeus, que tiveram contato com grande parte do continente norte africano. Foi com base nesses escritos que os europeus criaram uma imagem de inferioridade dos africanos, eram tidos como animais selvagens, sem alma, sem inteligência, entre outras definições.

Heródoto, grande historiador grego, ao falar de negros africanos, escreveu: “... são seres que se alimentam de gafanhotos e de cobras, partilham as mesmas esposas e se comunicam através de gritos agudos como os morcegos” (HERÓDOTO *apud* MUNANGA, 1984, p. 40).

Toda descrição feita acerca do negro pelos antigos era sempre baseada nos mesmos mitos de uma África negra habitada por selvagens e monstros.

Já Cícero, contradizendo alguns historiadores e pensadores da época, afirma que “os homens diferem em conhecimento, mas são todos iguais na capacidade de aprender; não há nenhuma raça que, guiada pela razão, não possa chegar à excelência” (COMAS, 1970, p. 135 *apud* SANT’ANA, 2005, p. 43).

Para os europeus o fato de nascer branco era uma condição normativa humana e de nascer negro necessitava de uma explicação científica, pois não era normal ser negro. Foram apresentadas diferentes explicações, teorias e mitos. “A primeira explicação foi a teoria da degeneração, um desvio de norma e a causa desse desvio era o clima tropical e o calor africano essas foram as causas apontadas para explicar a pigmentação escura do negro” (MUNANGA, 1984, p. 41).

Ainda não satisfeitos com a explicação da teoria da degeneração, concebem uma explicação de caráter religioso nascida do mito camítico entre os hebraicos. “Segundo esse mito, os negros são descendentes de Cam, filho de Noé, que foi amaldiçoado pelo pai por causa de sua irreverência com este último, quando se deitara em postura indecente após haver-se embriagado” (MUNANGA, 1984, p. 41).

Até as cores ganham uma simbologia na civilização ocidental acompanhando a suposta inferioridade das pessoas negras. Dessa forma a cor preta será a cor da morte, a escuridão, as trevas; a cor preta sempre está associada ao que há de pior e mais feio, e, de forma inversa, a cor branca simboliza a paz, a vida, a pureza. Diante desta simbologia já existente na sociedade ocidental a Igreja Católica também não fez diferente e trabalha a representação da cor preta como a cor do pecado e da maldição divina e é por esse motivo que é criada a imagem de Deus branco e do diabo negro.

Se questionarmos qualquer cidadã/ão, inclusive a um/a negro/a para que descreva a figura de uma pessoa transgressora, criminosa, com certeza, a resposta apontaria para a pessoa que tem a pele escura.

A cor negra está vinculada a tudo o que há de pior em nossa sociedade pelo fato de ser um fenômeno ideológico que vem se consolidando através de preconceitos e sempre sendo reforçado e transmitido; por isso ele tem sobrevivido e se fortalecido em nossa sociedade. É por isso que devemos combater o racismo para que as gerações futuras não reproduzam mais essa ideologia preconceituosa.

A desconstrução dessa ideologia racista favorecerá a emergência da igualdade racial onde a educação e a literatura infanto juvenil são importantes instrumentos para essa transformação.

O racismo é resultado de um longo processo de afirmação da inferioridade da raça negra onde os europeus afirmavam que as raças superiores, ou seja, a branca deveria civilizar e colonizar as raças inferiores, as não brancas, invadindo e destruindo suas culturas, seus costumes e sua economia; promovendo uma cultura de submissão, facilitando a dominação desses povos, objetivando explorar a mão de obra barata, onde essa exploração gerava poder e riquezas.

Para Kabengele Munanga é clara a ideia de racismo para os europeus:

Fica patente que essas teorias sobre as características físicas e morais do negro serviram para legitimar e justificar duas instituições: a escravidão e a colonização. Numa época em que a ciência se tornava um verdadeiro objeto de culto, a teorização da inferioridade racial do negro ajudara a esconder os objetivos econômicos e imperialistas da empresa colonial (MUNANGA, 1984, p. 44).

O racismo foi uma construção ideológica para maquiagem a exploração de seres humanos e ainda é tão presente em nossa sociedade servindo para que uns obtenham lucros econômicos, políticos e simbólicos. Tudo isso se torna natural, pois atitudes preconceituosas ocorrem desde criança e esta vai introjetando ideias errôneas e perversas sobre si próprio. A criança vai crescendo e não entende que pode ter qualidade de vida, alcançar metas e objetivos para conquistar novos espaços, ser reconhecido que é capaz, que é igual a qualquer outro ser humano. O racismo faz com que muitas pessoas negras fiquem impedidas de sonhar e sequer idealizem uma qualidade de vida melhor do que a que foram submetidas.

4 COMO A CRIANÇA NEGRA SE IDENTIFICA A PARTIR DOS CLÁSSICOS CONTOS EUROPEUS

Muitos dos livros clássicos da literatura infantil permanecem em nossas vidas nos tempos atuais, principalmente no âmbito escolar e em sua maioria os clássicos europeus, a exemplo de *Cinderela*, *Branca de Neve*, *A Bela e a Fera*, entre outros. O conteúdo desses livros, trabalhados nas escolas sem reflexão por parte de quem faz a leitura ou de quem a motiva, reforça a imagem negativa do negro e reduz a história do mundo, porque passa a mensagem de que só há príncipes e princesas, de pele branca, olhos claros, cabelos lisos, escuros ou loiros. Dessa forma, enfatiza-se que as ilustrações também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre o mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade.

Munanga (2010) afirma que “nosso modelo de educação é eurocêntrico.” Esse modelo acarretou e acarreta uma série de consequências ao processo de subjetivação das crianças negras, pois contribui para que elas não consigam se identificar física e socialmente com os personagens, a autoidentificação ocorre em muitos casos na fase da adolescência ou da juventude.

Entretanto, a autoidentificação como negra não acontecendo, o que se dá é que há por vezes uma recusa à sua própria imagem e uma idealização acerca das imagens de princesas e dos príncipes dos contos de fadas.

A criança se constrói como sujeito por meio das múltiplas interações sociais e das relações que estabelece com o mundo, onde influencia e é influenciada por ele ao mesmo tempo em que constrói significados a partir dele (BENTO, 2011, p. 40).

É no âmbito escolar que as crianças da Educação Infantil têm um contínuo contato com os contos de fada, com as lendas, mas principalmente com o conto e que acabam sendo influenciadas pela história e se veem ou querem ser como os príncipes e princesas de pele clara e olhos azuis.

Tigre e Peres (2009, p. 15) escrevem:

Que menina não sonhou, um dia, em ser ou vir a ser uma princesa? O apelo da beleza, da riqueza, do fausto das festas e palácios e do “viveram felizes para sempre” traz a magia da palavra, com seus sons e encantamentos, alimento da imaginação infantil.

Como já indicado, a partir da prática da leitura desses livros a criança cria uma rejeição ao seu corpo, muitas acabam depreciando e negando a sua identidade, as suas características enquanto negro. É relevante a interrogação: Por que ao invés de a escola contribuir para a construção e a valorização da identidade das crianças negras, vem fazendo o contrário e não contribuindo para a construção da identidade da criança negra? Por que utilizar apenas os clássicos europeus da literatura infantil e assim conservar estereótipos positivos eurocêntricos enraizados em nossa cultura favorecendo dessa maneira o preconceito racial?

Apresentando o resultado de pesquisa, vários autores diagnosticaram:

A escola é apresentada nas pesquisas como tendo uma base conservadora e excludente ao se pautar em um modelo de currículo que poderíamos denominar “embranquecido” diante da ausência de conteúdos que possam contribuir para que os alunos negros se vejam contemplados e também o silêncio da equipe pedagógica a respeito das questões raciais (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2007, p. 4).

Muitos professores da atualidade ainda são leigos perante instrumentos jurídicos importantes que regem a política educacional, entre eles a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o Plano Nacional da Educação (2001), a Lei nº 10.639/03 que tem direcionamento objetivo para a educação étnico-racial porque torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil que norteia todo o processo de ensino aprendizagem da Educação Infantil.

Os educadores, mesmo com curso de graduação, ainda não possuem formação específica na área para terem o conhecimento de que a partir dos lindos contos de fadas pode ser transmitido e reforçado o preconceito racial, a ideologia do embranquecimento, entre outros aspectos que contribuem para a desvalorização da pessoa negra. Por esse motivo o conhecimento dos professores sobre diferentes povos, suas culturas e suas histórias, principalmente a africana, ajuda a acolher as crianças, a favorecer a convivência e a conhecer e valorizar a diversidade do nosso país.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI e Resolução CNE/CEB no 5º, de 17 e dezembro de

2009, a criança é concebida como o centro do planejamento curricular, sendo considerada sujeito histórico e de direitos, que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, ao mesmo tempo em que produz cultura (BENTO, 2011, p. 38)

Segundo Bento (2011) é fundamental destacar que a prática pedagógica na Educação Infantil demanda habilitação em consonância com a legislação vigente e qualificação para proporcionar à criança experiências que ampliem suas vivências culturais e propiciem seu bem-estar físico e emocional.

A instituição escolar junto ao seu corpo docente deve assegurar a presença de conteúdos pedagógicos que possam auxiliar no processo de desenvolvimento da criança, possibilitando um vínculo positivo no processo de exploração do mundo, conhecendo e respeitando as suas diferenças, formando sujeitos ativos e estimulando atitudes positivas para que se sintam fortalecidos com suas singularidades e vivam em harmonia com seu corpo, sua cultura e a sua história.

No que diz respeito à formação de professores, a LDB 9.394/1996, alterada pela lei 10.639/2003, indica que ela se fará em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação. No entanto, ainda admite, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, aquela oferecida em nível médio, na modalidade normal (BENTO, 2011, p. 41-42).

É importante que haja com a Educação infantil no Brasil ações que venham a alterar essa realidade porque nos deparamos em algumas regiões brasileiras com docentes sem graduação em Pedagogia, e em algumas localidades basta apenas saber ler e escrever para assumir uma sala de aula da Educação Infantil. Há que se ressaltar que esses professores jamais estudaram a psicologia do desenvolvimento infantil para entenderem como se dá o processo de formação da personalidade da criança e, dessa forma, haverá dificuldades para que o/a educador/a perceba que conteúdo dos contos clássicos europeus sem o cuidado de explicação, adaptação, irá prejudicar o processo de formação pessoal e social do educando enquanto negro e também dos não negros porque serão educados em um modelo que não valoriza a outra beleza e as qualidades de seres humanos diferentes das deles.

A exclusividade das atividades pedagógicas no que se refere à literatura infantil focando os clássicos europeus é um problema ainda gritante nos dias atuais. Muitos (as) professores (as) ainda não têm conhecimento que neste campo existem diversos contos voltados para a criança negra. “Enfim, a formação de professores pode assegurar que a infância seja verdadeiramente tratada nas instituições educacionais como construção histórica, social, cultural e política” (BENTO, 2011, p. 42).

Heloisa Pires Lima nos chama a atenção para o fato de que há algumas décadas existia a

ausência de personagens negros construtivos, preenchidos de afetividade que auxiliassem o leitor a desejar o modelo de humanidade negro, se identificar com ele positivamente, e a construir uma percepção respeitosa a seu respeito, era gritante (LIMA, 2013, p. 3).

Esta situação hoje já vem sendo mudada.

Na história da Literatura Infante juvenil os personagens negros apenas desempenhavam papéis de dor e sofrimento, porque sempre era o pobre da história, o empregado sem qualificação, era negro, o mendigo era negro. E essa situação ainda é o que vemos até hoje nas telenovelas, nos filmes com as personagens vividas pela pessoa negra como o pobre, o marginal, o mendigo, o empregado, o analfabeto. O protagonismo é difícil de ser vivido por pessoas de pele escura, o negro ainda é rotulado em nossa sociedade como sinônimo de fracasso e de miséria.

Retomando o corpo da Lei 10.639/03 e a obrigatoriedade do estudo da África, alguns autores escrevem livros falando do continente africano para as crianças, o que se torna fundamental para a construção ou afirmação positiva da identidade.

A escritora Heloísa Pires Lima apresenta a África em seus livros em uma proposta que leve as crianças a compreenderem que elementos culturais do continente africano estão presentes em nosso país e assim possam quebrar estereótipos e muitos mitos que estão enraizados na mentalidade social brasileira, resultado do desconhecimento da riqueza e dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros.

Algumas histórias que trazem o continente africano mostram uma bagagem de conhecimentos sobre os ancestrais africanos através de lendas como forma de transmitir a cultura para as gerações por meio de suas tradições e suas crenças. E essas histórias apresentam a personagem negra como herói/ina, corajosa/o, guerreira/o, forte, contribuindo para a concretização de uma imagem positiva do negro para as crianças.

Mediante a reversão de valores a autoestima da criança negra melhorará ou será elevada:

A criança afrodescendente brasileira só poderá “acender a fogueira” a partir do momento em que se enxergar como parte formadora da sociedade, não como vítima, mas como colaboradora. Tão importante como denunciar a discriminação é apresentar ao universo infantil motivos para se interessarem e valorizarem as culturas africanas (HORTA, 2004, p. 7).

5 A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS LIVROS INFANTIS

Diante da necessidade de ampliar as possibilidades de viabilizar a afirmação dos valores africanos, emerge a produção literária focada na questão do segmento negro no Brasil que se firmou a partir das reivindicações dos movimentos negros, que lutam por direitos políticos, econômicos, sociais, principalmente pela conquista da igualdade social.

Atualmente já conseguimos diagnosticar algumas conquistas do povo afrodescendente principalmente na área da Educação, primeiramente com a obrigatoriedade de inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos escolares a partir da Lei 10.639/03. Em segundo lugar a Política de Ação Afirmativa de combate às desigualdades raciais a exemplo do sistema de cotas para negros nas universidades públicas brasileiras.

Maria Anória de Jesus Oliveira afirma que foi:

A partir da obrigatoriedade de trabalharmos com a história e cultura afro-brasileira e africana em todas as áreas na Educação Básica (Lei 10.639/03); em todas as áreas, principalmente em História, Literatura e Educação Artística, notamos temáticas, outrora silenciadas no mercado editorial, passaram a ter maior visibilidade, tornando-se um filão fértil à comercialização. Tanto é que, nos dias atuais, é possível identificar uma quantidade significativa de livros que apresentam personagens negros em papéis de protagonistas, realçando-se seus traços desde as capas dos livros (OLIVEIRA, 2013, p.1).

Perante uma grande gama de livros voltados para a negritude brasileira devemos estar atentos (as) à representação dos personagens negros na literatura infantojuvenil, pois alguns exemplares ainda trazem aspectos de depreciação do povo negro.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (ANDRADE, 2005, p. 120).

A seguir apresento diferentes autoras (es) de livros infantis que carregam uma bagagem de referências positivas sobre o negro e a cultura afro-brasileira. O educador deve levar para a sala de aula e analisar efetivamente a essência de

literaturas com abordagens diversificadas que contribuam para a preservação de mecanismos ideológicos que possibilitem a afirmação da identidade cultural. Obras que reformulam o papel social do negro na literatura infantojuvenil como uma alternativa de ressignificação do simbolismo e do preconceito criado acerca do negro, podendo ser trabalhadas desde a educação infantil no âmbito escolar.

Algumas obras de Heloisa Pires Lima escritas e publicadas para o público infantil, a exemplo de *Histórias da Preta*, *A Semente que veio da África*, *Benjamim: O Filho da Felicidade*, *O Espelho Dourado*, *O Marimbondo do Quilombo*, *Lendas da África Moderna*, *Toques do Griô - Memórias sobre Contadores de Histórias Africanas*. As obras contêm histórias e lendas do continente africano que estão presentes em nosso país, como forma de apresentar a África para o público infantil objetivando anular estereótipos eurocêntricos enraizados em nossa cultura brasileira, contribuindo para a promoção da igualdade étnico-racial que vai além do âmbito escolar.

No Programa A Cor da cultura,² um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, encontram-se vários livros com personagens negras na perspectiva de valorização da pessoa e da cultura afro-brasileira. Lá estão disponíveis diversos livros animados a exemplo de *Ana e Ana*, *Bichos da África*, *A botija de Ouro*, *Capoeira*, *Maracatu e Jongô*, *Ifá, o Adivinho*, *O menino Nito*, entre outras.

Já a autora Maria Anória de Jesus Oliveira, que analisa a temática étnico-racial na literatura infantojuvenil brasileira, avaliou em sua dissertação de mestrado 12 livros da literatura infantojuvenil com personagens negros e constatou que:

[...] as narrativas demonstram três principais tendências: 1) denúncia da pobreza, 2) denúncia do preconceito racial, 3) o enaltecimento da beleza “marrom” e “pretinha”. Quanto aos estereótipos, a autora salienta: 1) animalização do negro e associação à sujeira e feiura, 2) utilização de piadas explicitamente racistas, 3) ridicularização e humilhação do negro em alguns espaços sociais como escola, rua, clube. A autora considera que estereotipar os personagens negros é uma forma de reforçar o racismo (JOVINO, 2006, p. 209).

² O Programa A cor da cultura é fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan), a TV Globo e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). O projeto teve início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

O olhar crítico e diferenciado de Maria Anória de Jesus Oliveira é de grande importância para afirmar o papel do professor na escolha das histórias que irá apresentar e realizar o seu trabalho de forma assertiva, mas em meio ao que é produzido é provável encontrar equívocos e cabe aos educadores levantar questionamentos; mas, muitos não conseguem identificar o racismo muitas vezes mascarado nos contos escritos para o público infantil negro porque a maioria dos educadores não recebeu uma formação específica e adequada para trabalhar em sala de aula o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana garantido por lei e ao mesmo tempo o governo não oferece cursos de formação onde atinja todos os educadores da rede pública brasileira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma segura pode ser afirmado que a Literatura Infantil contribui para que as crianças ampliem a capacidade de imaginar e criar, desenvolvendo a compreensão de si e do mundo e assim construir a sua identidade enquanto pessoa. A ausência da valorização adequada das características físicas e culturais do negro resulta na rejeição pela criança negra de seus ancestrais, sua cultura e seus símbolos prejudicando a identidade da criança que está em formação. Por esse motivo se faz importante o papel da escola em apresentar e socializar uma imagem positiva utilizando como referência a cultura afro-brasileira e africana, tendo como subsídio a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas, como forma de corroborar com a construção da identidade pessoal e social do discente, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido.

Atualmente, os textos voltados para o público infanto juvenil buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas, entre outras.

Hoje o acervo literário para o público infantil apresenta opções para o/a educador/a trabalhar em sala de aula vários gêneros literários voltados para discussão acerca de questões atuais como o preconceito racial buscando romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura, a deficiência física e psicológica, o *bullying*, entre outros aspectos presentes em nosso cotidiano que é tão importante que as crianças tenham contato e assim possam ter conhecimento e aos poucos construir seu caráter e a sua identidade de forma positiva.

É de fundamental importância o papel da escola em apresentar uma imagem positiva dos povos africanos e afro-brasileiros e assim fazer parte da luta para atenuar ou banir os preconceitos culturais e sociais arraigados na sociedade brasileira e que aparecem na sala de aula. E um dos caminhos a ser seguido pela escola é a construção de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que contemple a Lei 10.639/03, como peça fundamental para planejar o ensino em seus vários níveis e modalidades. Pois, é através do PPP que a instituição de ensino irá idealizar quais as suas metas e objetivos e quais serão os possíveis caminhos para atingi-los.

Para uma ação mais eficaz é importante investir na formação de professores e na educação brasileira, pois somente através de educadores preparados será possível realizar ações objetivando construir um futuro com igualdade de direitos e respeito às diferenças em nosso país.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F.; RODRIGUES, T. **A criança negra, uma criança e negra**. 2007. Disponível em:

<http://www2.cndp.fr/revueVEI/158/varia_en_ligne_A_CRIANCA_NEGRA.pdf>.

Acesso em: 01 abr. 2014.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a auto-estima da criança negra**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 120.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Práticas pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil**. São Paulo: CEERT, 2011.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpex, 2007.

DUARTE, C.; OLIVEIRA, W. Infância e educação étnico-racial: estruturas e singularidades. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.) **Práticas Pedagógicas para a Igualdade Racial na Educação Infantil**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - CEERT, 2011. p. 37-42.

DUTRA, Maria Rita Py. Museu Treze de Maio: uma proposta de enfrentamento ao racismo por meio da literatura infantil. In: SOARES, A. L. R. (Org.). **Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2010.

HORTA, Marina Luiza. **Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima**. 2004. Disponível em:

<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/71/heloisacritica01.pdf> >.

Acesso em: 23 abr. 2014.

IGUALDADE na diversidade: algumas obras de Heloísa Pires Lima. Disponível em: <<http://igualdadenadiversidade.blogspot.com.br/2011/06/algumas-obras-de-heloisa-pires-lima.html>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. Disponível em:

<http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cV.pdf>.

Acesso em: 11 jun. 2014.

_____. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIMA, Heloisa Pires. **A criação literária como um fio condutor**. 2013. Disponível em: <<http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/>>

heloisa-pires-lima/18527-heloisa-pires-lima-a-criacao-literaria-como-um-fio-condutor>. Acesso em: 23 abr. 2014.

MARQUEZAN, Rodrigo. Enfoque psicopedagógico na relação família e escola. **Cadernos de Educação**, 28, 2006. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/02/a9.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

MUNANGA, K. Nosso racismo é um crime perfeito. **Fórum**, São Paulo, n. 90. Entrevista concedida a Camila Souza Ramos e Glauco Faria em 08 de setembro de 2010.

_____. Raízes científicas do mito do negro e do racismo ocidental. **Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde**, São Paulo, 1, 1, p. 39-47, 1984.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil contemporânea**: outras veredas, novas tessituras? 2013. Disponível em: <http://anais.abralic.org.br/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_940_c0ab41e7cab007fab8a9cfaf1ae04fe3.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2014.

PERES, F.; MARINHEIRO, E.; MOURA, S. Literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista eletrônica pró-docência**, Paraná: UEL. n. 1, v. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLSON%20-%20pedagogia.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

PROJETO A cor da cultura. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

RIBEIRO, Milton. **Atendendo a um pedido, alguns improvisos irresponsáveis**: definições pessoais de literatura. 2010. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/tag/definicao-de-literatura/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SANT'ANA, A. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, K. (Org.) **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 204.

SIGNIFICADOS.COM.BR. **Significado de literatura**. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/literatura/>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

TIGRE, Andréa Bastos; PERES, Rossely. **O sonho de ser princesa**. In: PRINCESAS africanas. **Leituras compartilhadas** - revista de (in)formação para agentes de leitura, ano 9, fascículo 19, mar. 2009. Disponível em: <http://www.ifg.edu.br/igualdaderacial/images/downloads/projetos/princesas_africanas.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.